

Analisando os dados na pesquisa qualitativa

Prof^a MSc. Roberta Chiesa Bartelmebs

Depois de coletar os dados através dos instrumentos escolhidos, o pesquisador precisa se organizar para analisá-los. Porém, afinal, o que é analisar dados em pesquisa qualitativa?

Segundo André e Lüdke (1986),

Analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos das observações, as transcrições de entrevistas, as análises de documentos e as demais informações disponíveis (p.45) [grifo do autor].

O primeiro movimento que o pesquisador precisa fazer é o de organizar seu material coletado. Existem muitas metodologias de análises e todas dizem respeito às concepções epistemológicas do pesquisador. Desde o momento da coleta dos dados, optamos por um tipo de análise, pois, desde os procedimentos iniciais da pesquisa, podemos dizer que o pesquisador já está analisando seus dados.

Nesse sentido, “A análise está presente em vários estágios da investigação, tornando-se mais sistemática e mais formal após o encerramento da coleta de dados” (ANDRÉ; LÜDKE, 1986, p.45). Sendo assim, toda escolha que o pesquisador faz em sua pesquisa é também uma escolha que terá consequências para a análise dos dados.

Por exemplo, se optamos por um questionário fechado, teremos dados restritos a respostas como SIM ou NÃO e não teremos discursos para analisar. Portanto, ao escolher o questionário, o pesquisador opta por um instrumento que não permite que o seu sujeito de pesquisa tenha de discorrer sobre um assunto.

Porém, quando o pesquisador optar pela entrevista, já de antemão deve saber que sua análise será de discursos e, por conseguinte, mais detalhada sobre um determinado problema. Vejamos agora o processo de análise detalhadamente.



Obstáculos frente à análise

Segundo Minayo (1992, apud GOMES 2004), podem ocorrer três tipos de obstáculos a uma análise efetiva dos dados, são eles:

O primeiro diz respeito à *ilusão do pesquisador* em ver as conclusões, à primeira vista, como “transparentes”, ou seja, pensar que a realidade dos dados, logo de início, se apresenta de forma nítida aos seus olhos [...]. O segundo obstáculo se refere ao fato de o pesquisador se envolver tanto com os métodos e as técnicas a ponto de *esquecer os significados* presentes em seus dados [...]. Por último, o terceiro obstáculo para uma análise mais rica da pesquisa relaciona-se à dificuldade que o pesquisador pode ter em articular as conclusões que surgem dos dados concretos com conhecimentos mais amplos ou mais abstratos. Esse fato pode produzir um *distanciamento entre a fundamentação teórica e a prática da pesquisa* (p.68) [grifos do autor].

Nesse sentido, o primeiro obstáculo pode produzir a sensação de que os dados “saltam aos olhos”, enquanto o pesquisador inicialmente os analisa. Essa euforia pode causar perda de dados significativos, bem como tornar a pesquisa insuficiente para responder ao questionamento inicial.

Além disso, isto pode ser causado pela ilusão que muitos pesquisadores têm quando estão demasiadamente familiarizados com o campo de pesquisa (ou com o local em que a pesquisa foi realizada). São nossas teorias prévias “sabotando” os possíveis resultados de uma provável nova interpretação da realidade.

Já o segundo obstáculo nos remete ao cuidado que precisamos ter em distanciar o procedimento em si dos dados coletados. Não podemos nos centrar apenas na descrição do método utilizado. Em uma análise é preciso saber argumentar a respeito dos dados que surgem na pesquisa. Tal obstáculo causa perdas desastrosas para o estudo, pois, o pesquisador ao invés de refletir sobre os dados coletados centra-se no método, prejudicando a análise que fica empobrecida quando não anulada.

O terceiro obstáculo ocorre quando a apropriação teórica do pesquisador parece não dar conta das conclusões tiradas pela análise dos seus dados. Isso pode



se dar pela inexperiência do pesquisador, tanto teórica quanto prática, bem como pela inadequada apropriação teórica. Também pode acontecer de ser necessário aumentar o leque teórico do trabalho após a análise dos dados. Isto porque muitos elementos novos exigem novas leituras, novas abstrações e novas interações com autores da área em que se está pesquisando. Cabe ressaltar que uma pesquisa nunca é definitiva, bem como deve sempre considerar todos os pontos de vista possíveis dentro da área de estudo. Certamente, recortes teóricos são feitos, mas antes de tudo é preciso conhecer os principais autores e as principais conclusões das pesquisas feitas na sua área de estudos.

As categorias de análise

Um dos procedimentos de análise comum a vários tipos de metodologias é a categorização. Mas afinal o que é categorizar? Como podemos categorizar os dados coletados em nossa pesquisa?

Segundo Gomes (2004): “A palavra *categoria*, em geral, se refere a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si. Essa palavra está ligada à ideia de classe ou série” (p.70) [grifo do autor]. A categorização é uma das operações lógico-matemática que construímos desde nossos primeiros anos de vida. Abstraímos dados da realidade empírica na medida em que construímos categorias cognitivas. Da mesma forma, na análise dos dados de nossas pesquisas, as categorias nos ajudam a organizar, separar, unir, classificar e validar as respostas encontradas pelos nossos instrumentos de coleta de dados.

No entanto, como alertam André e Lüdke (1986):

A categorização, por si mesma, não esgota a análise. É preciso que o pesquisador vá além, ultrapasse a mera descrição, buscando realmente acrescentar algo à discussão já existente sobre o assunto focalizado. Para isso ele terá que fazer um esforço de abstração, ultrapassando os dados, tentando estabelecer conexões e relações que possibilitem a proposição de novas explicações e interpretações (p.49).



A atenção à categorização é importante, mas, como evidenciam as autoras, é essencial que o pesquisador vá além da categoria e possa abstrair dos dados novidades para o campo de pesquisa em questão.

As categorias tanto podem ser criadas antes como durante o processo de análise. As categorias anteriores, ou “à priori” (GALIAZZI; MORAES, 2005) dizem respeito às nossas hipóteses de pesquisa, isto é, ideias que temos sobre os fenômenos que estudamos. As categorias que surgem no decorrer da análise, ou “emergentes” (idem) são categorias que emergem dos dados, isto é, são novidades que criamos a partir de leituras anteriores, bem como do confronto com os dados que se apresentam.

Segundo Galiazzi e Moraes (2005):

Cada categoria corresponde a um conjunto de unidades de análise que se organiza a partir de algum aspecto de semelhança que as aproxima. As categorias são construtos linguísticos, não tendo por isso limites precisos. Daí a importância de sua descrição cuidadosa, sempre no sentido de mostrar aos leitores e outros interlocutores as opções e interpretações assumidas pelo pesquisador (p.116).

Sendo assim, as categorias são processos analíticos que agrupam as unidades de um *corpus* de análise, isto é, dos dados coletados na pesquisa. As categorias precisam ser claras e objetivas. Nesse sentido, é preciso que o leitor (seja um professor do Curso, seja um colega de aula ou até mesmo uma Banca de defesa) possa compreender quais são as categorias que o pesquisador encontrou em seu processo de análise e a qual resultado tais categorias levam. Um trabalho de pesquisa que não deixa claro suas categorias de análise tem sérios problemas estruturais.

Como categorizar os dados

Como já dissemos anteriormente neste texto, existem muitos tipos de metodologias de análise. Cada uma terá sua especificidade na hora de abordar as



formas como se fazem as categorias: alguns utilizam tabelas, outros analisam através de excertos do texto, outros ainda dividem o todo em pequenas unidades e a partir destas unidades realizam a classificação em categorias.

Há na biblioteca de nossa disciplina textos sobre a Análise de conteúdo e também a Análise Textual Discursiva, dois modos de análise que você pode optar para trabalhar em sua pesquisa. De maneira geral, vamos deixar aqui um exemplo que você pode utilizar para realizar a atividade de categorização dos dados coletados na pesquisa solicitada neste módulo. Lembre-se que, a leitura dos textos complementares da disciplina auxilia na compreensão dos detalhes do conteúdo, bem como podem auxiliá-lo a procurar maiores informações acerca dos assuntos trabalhados em aula.

Exemplo prático

Para categorizar os dados da sua pesquisa, inicialmente, você precisa fazer a leitura completa do seu *corpus* de análise, seja ele transcrições de entrevistas, dados de questionários ou ainda seu diário de observações.

Após essa leitura, sugerimos que você escreva em um documento a pergunta que o motivou a fazer essa pesquisa. Depois, faça destaques no corpo do texto¹ a ser analisado. Realce trechos ou partes que você considerar importantes para responder suas questões a respeito do tema. Depois disso, tente resumir as partes destacadas em palavras, que possam expressar o sentido da sua análise. Tais palavras (ou pequenas frases) constituem suas categorias iniciais de análise.

Ressaltamos ainda que se trata apenas de um procedimento inicial. Para você obter análises mais profundas, será necessário se apropriar teoricamente de uma metodologia de análise². Sem tal recurso, seu trabalho corre o risco de ficar muito preso às suas próprias concepções prévias, não o desafiando a buscar novas

¹ Transcrições de entrevistas, dados de questionários ou, ainda, diário de observações.

² As metodologias de análise têm relação com as metodologias utilizadas na coleta dos dados de uma pesquisa. Estas podem ser: **Análise de Conteúdo** (BARDIN, 2002); **Análise do Discurso** (ORLANDI, 2009); ou ainda, **Análise Textual Discursiva** (MORAES; GALIAZZI, 2005), dentre outras possibilidades.



respostas às suas questões de pesquisa e tampouco contribuindo para o campo de pesquisa em questão.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002

GOMES, Romeu. *A análise de dados em pesquisa qualitativa*. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). Pesquisa Social. 23.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do C. *Análise Textual Discursiva*. Ijuí: Unijuí, 2005.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 8.ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.